

# 5

Jaires Oliveira Santos Guterres

## **COMPREENSÃO, SÍNTESE E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

DOI: [10.31560/pimentacultural/2022.234.71-87](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.234.71-87)

## INTRODUÇÃO

Este capítulo suscita um debate sobre a compreensão, a síntese e a organização da informação, ações desejáveis para que o sujeito possa empregar competências para sanar demandas informacionais. Para isso, tomamos como base o conceito de [competência em informação](#) da American Library Association (ALA, 2016). Para a ALA, a competência em informação integra habilidades que culminam em uma exploração reflexiva da informação, na clareza de como é produzida e valorizada e o seu uso na criação de conhecimentos novos; ademais considera a participação ética dos sujeitos em comunidades de aprendizagem.

No desenvolvimento de tais habilidades, é indispensável o estabelecimento de um *modus operandi* para que se logre êxito. Assim, este capítulo procura trazer à luz o caminho a ser trilhado para melhor entendimento das informações eleitas para uso. Isso será possibilitado por meio da elaboração de algum método de organização da informação. Aqui vamos trabalhar com fichamentos, mapas conceituais e resumos.

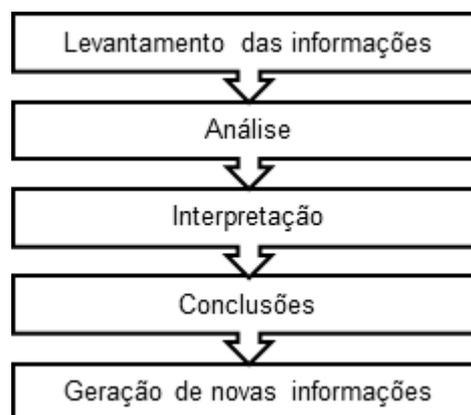
## COMPREENDER, SINTETIZAR E ORGANIZAR A INFORMAÇÃO

O início desse debate aciona a necessidade de conceituar as palavras que conduzem e dão sentido a este escrito, então, recorremos ao dicionário Houaiss para que possamos apreendê-las. Começamos pelo verbete compreender (2001), que consiste na capacidade

de entender ou perceber significados, sentimentos e atos; sintetizar (2001) diz respeito à apresentação sucinta de alguma coisa, onde aglomeram-se diversos elementos, fazendo emergir um todo coeso; e organizar (2001) concerne aos atributos de algo que se expõe de modo ordenado, sistematizado, estruturado, coordenado e/ou planejado, com o intuito de facilitar a sua utilização frutífera e eficiente.

Em vista disso, chamamos essa elucubração para a Ciência da Informação, ao admitir que em seu âmago discute-se essa tríade. Há a necessidade patente de desenvolver competências para a compreensão de informações exploradas e intuir acerca da sua aplicabilidade em contextos específicos, sejam eles laborais ou pessoais. Além do mais, é preciso elaborar uma síntese das referidas informações eleitas e, como consequência dessas duas ações, organiza-se esses conteúdos de forma estruturada para que possam ser aproveitadas com facilidade, em um processo de retroalimentação (Figura 1).

Figura 1 – Criação de novas informações



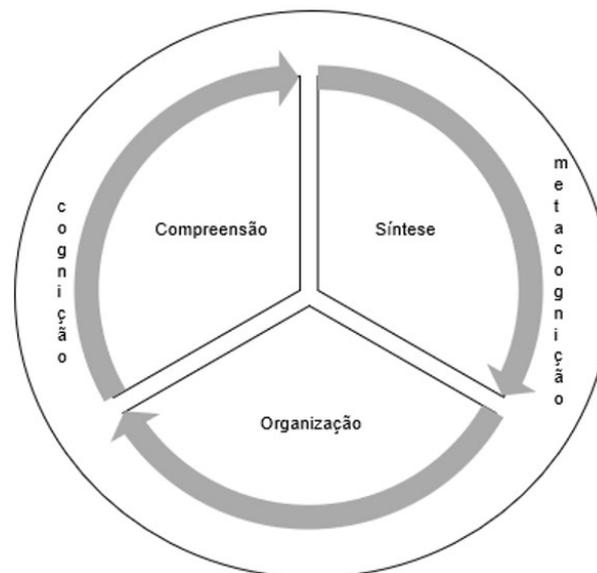
Fonte: elaborada pela autora (2020).

Quando um bibliotecário, por exemplo, precisa apresentar um relatório sobre o andamento dos serviços, precisará analisar e interpretar informações para então produzir um documento que contextualize, explique e demonstre a situação da questão em voga. Isso ocorre para que a argumentação empreendida e, por conseguinte, materializada de modo estruturado no relatório viabilize a criação de novas informações, fazendo com que o conhecimento produzido esteja em uso ininterrupto.

Sobre a relação do sujeito com a estrutura textual, Barreto (2009) assevera a necessidade de considerar relevante o contexto no qual foi produzido, onde tempo e lugar despontam como elementos que acionam mudanças, o repertório acumulado e as condições de apreensão da informação. Chega-se à percepção de que quando assimilada adequadamente, a informação pode colaborar para o alargamento do cabedal de conhecimento do sujeito, implicando em mudanças significativas em sua vida.

Ao entrar em contato com informações, cada pessoa adota comportamentos distintos. Na ocasião da compreensão, síntese e organização (Figura 2) inevitavelmente é empreendida uma leitura que envolve fatores cognitivos e metacognitivos do ser humano que ajudam a tecer a composição estrutural da informação. Nesse sentido, defendemos a ideia de que para desenvolver e empregar competências o sujeito participa de um processo de aprendizagem, onde é capaz de manter um contínuo de reflexão de seus próprios caminhos de libertação (FREIRE, 1987). Concordamos, destarte, com a perspectiva teórica e metodológica freireana, que admite que é preciso refletir, criar e recriar para que possa (re)conduzir o seu caminho de cidadão do mundo.

Figura 2 – Compreensão, síntese e organização



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Para acionar essa tríade, portanto, é preciso congregiar o repertório de conhecimento acumulado durante a vida e as novas informações acessadas. Esse transcurso é realizado pelas ações centrais do cérebro, que produz a mente, as emoções, o pensamento, a percepção e demais funções do organismo (SANTOS, 2015). O cérebro apresenta características que distinguem as pessoas, isso ocorre porque os [neurônios](#) se interligam em suas minúcias e assumem histórias singulares (SANTOS, 2020).

Cosenza e Guerra (2011, p. 28) asseveram que “a história de vida de cada um constrói, desfaz e reorganiza permanentemente as conexões sinápticas entre bilhões de neurônios que constituem o cérebro”, ademais exemplificam usando a metáfora do projeto de uma cidade planejada, que, à medida em que vai sendo construída, assu-

me novas peculiaridades, podendo implicar em mudanças no plano inicial. O mesmo ocorre [quando elaboramos um projeto em unidades informacionais](#), faz-se necessário analisar a pertinência de informações que possam corroborar para tal ação; quando eleitas, sintetiza-se e organiza-se de maneira que possam ser usadas na consecução do projeto, dispensando a utilização de materiais mais complexos, correspondentes à fonte primária da pesquisa.

Emerge, nesse contexto, o debate sobre as competências (meta) cognitivas, necessárias em todas as ações básicas do nosso cotidiano. Elas são acionadas pela capacidade dinâmica e (meta)cognitiva do ser humano imerso em conjunturas sociais, históricas e culturais que ajudam na constituição de suas singularidades. A cognição permite a apropriação, a síntese e a estruturação de informações, para que possamos usá-las com vistas ao entendimento das questões que permeiam o mundo em que vivemos. Com a cognição os sujeitos conseguem resolver problemas de maneira “prática, práxica e enativa”, do mesmo modo de forma “criativa, conativa, flexível e perspicaz [...] e naturalmente socioativa” (FONSECA, 2018, p. 32), isso porque é possível controlar nossos próprios comportamentos e ações a partir da apreensão da conduta intencional e causal daqueles que fazem parte no nosso ciclo de vida.

A metacognição consiste no momento que refletimos e controlamos os processos de cognição. Ao assistirmos um filme<sup>3</sup> e aventarmos as possibilidades relacionais com o campo de investigação ao qual estamos inseridos, estamos ativando a nossa habilidade metacognitiva de pensar sobre o pensar, isto é, refletir sobre o nosso lugar dentro daquela temática abordada pelo referido filme. Fonseca (2018) ressalta a relevância de considerar a cognição da ação, pois

3 Baseado em fatos reais, o menino que descobriu o vento conta a história de um garoto que conseguiu frequentar, escondido, a biblioteca da escola, mesmo sendo expulso da instituição de ensino pela falta do pagamento anual. Com o auxílio de um livro, ele faz um moinho de vento que capta água do solo ressequido da região onde morava. Isso muda a sua vida e de sua comunidade.

ela viabiliza um diálogo entre o sujeito e a sua ação. Tem-se, portanto, embutido nesse cenário, capacidades metacognitivas que incluem processos autorreflexivos e autoavaliativos.

Chega-se à percepção de que o processo de compreensão, síntese e organização da informação inclui capacidades cognitivas e metacognitivas integradas que conduzem os sujeitos à resolução de problemas informacionais. Tal ação considera conhecimentos prévios e a apropriação das informações novas acessadas, inevitavelmente inseridas em tempo, espaço e condições socioeconômicas específicas. A organização sistematizada das informações resulta na formação da chamada documentação pessoal, e, por isso, não segue modelos rígidos e pode variar de acordo com a necessidade de cada pessoa, o importante é que corroborem para o entendimento do todo de uma determinada temática. Esse modo de organização pode se apresentar de distintas maneiras, dentre as quais iremos abordar os fichamentos, os mapas conceituais e os resumos.

## Fichamentos

O fichamento é um registro feito em fichas – que se apresentam em diversificados formatos como papel, eletrônico e/ou digital –, que dão conta das ideias principais de um texto. O bibliotecário, ao desenvolver uma pesquisa, seleciona diversos textos – livros, teses, dissertações, artigos, capítulos de livros, dentre outros –, com a finalidade de compreender as nuances da temática eleita. Para isso, pode usar as fichas de leitura para congregiar todas essas informações de maneira sintética. A sua elaboração demanda que se faça a leitura dos materiais selecionados, e que carecem de ser fichados, proceda à seleção das principais informações e inclua citações com as devidas indicações de sua localização no texto de origem.

A estrutura da Figura 3 indica itens essenciais para a referida ficha: referência do texto (NBR 6023) e palavras-chave (NBR 6028) de acordo com os preceitos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); identificação do tema central, certificando-se, portanto, da pertinência do texto à demanda que irá atender; as ideias principais são cruciais, pois trarão a representação do que é necessário para a construção teórica/conceitual das pesquisas, nessa ocasião, insere-se citações diretas e indiretas (NBR 10520) do texto fichado; as ideias secundárias concernem àquelas que inicialmente parecem não ser oportunas, mas ventila-se a possibilidade de aproveitamento; os principais autores citados podem trazer à tona um panorama dos principais pesquisadores da área em voga, fazendo com que eventualmente se busque seus textos para uso; e as impressões gerais elucidam a reflexão do sujeito da elaboração da ficha, relacionando as inferências do material lido com a sua linha de pesquisa e/ou com a temática que pretende debater em suas produções (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2018, 2021, 2002).

Figura 3 – Ficha de leitura

<b>Referência do Texto</b>
<b>Palavras-chave:</b>
<b>Tema central</b>
<b>Ideias principais do texto (Inserir Citações diretas e indiretas)</b>
<b>Ideias secundárias</b>
<b>Principais autores citados</b>
<b>Impressões gerais sobre o texto</b>

Fonte: elaborada pela autora (2020).

A concepção de tais fichas é um processo de organização da informação efetiva e que ajuda o bibliotecário a agrupar diversas leituras sobre um determinado tema e dispensa o uso do(s) texto(s) completo(s) em uma próxima consulta/necessidade. O uso de fichas de leitura apresenta resultados positivos, uma vez que permitem a sistematização do conhecimento “de modo conciso, coerente e objetivo, ao passo que [o sujeito] vai avançando em suas leituras” (SILVA; BESSA, 2011, p. 4, grifo nosso) e esse registro pode ser manuseado com facilidade, na medida em que venha à tona a necessidade de usá-lo.

Silva e Bessa (2011) criticam o fato de que o fichamento é entendido por muitos como uma seleção de fragmentos centrais de textos, transcritos às pressas por estudantes que precisam cumprir tarefas propostas por professores. Nessa dinâmica, preocupam-se somente com a reprodução literal por meio de citações diretas ao invés de proceder a leitura de modo efetivo e reflexivo. Assim, “o trabalho com o gênero pouco contribui para o desenvolvimento [do sujeito] enquanto produtor de textos [...] adequados e comunicativamente relevantes” (SILVA; BESSA, 2011, p. 2).

Por isso, se faz necessário o uso de estruturas que direcionem uma elaboração crítica e reflexiva, onde o sujeito consiga articular a sua capacidade cognitiva e metacognitiva, com vistas a dar sentido efetivo à sua ficha, para que seja possível aproveitá-la para um fim específico, seja em contextos pessoais ou laborais. Embora seja comum criar fichamentos em Microsoft Word, LibreOffice, OpenOffice.org Writer e NeoOffice, eles podem ser feitos manualmente em blocos de anotações, cadernos e itens com as mesmas funcionalidades. Além disso, há gerenciadores de referências que ajudam na concepção das referidas fichas, dentre os quais podemos mencionar: o [Zotero](#) – permite a coleta, organização, armazenamento e compartilhamento de informações bibliográficas e integra os processadores de texto com os navegadores de sua preferência de uso (Mozilla Fi-

refox, Google Chrome etc.); e o [More](#) – mecanismo *on-line* para elaboração de referências da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ainda nessa direção, cita-se o projeto [Minhas Citações](#) – desenvolvido por um bibliotecário e que oferece o serviço *on-line* e gratuito de organização de fichas de leituras para os sujeitos. Para usá-lo, basta fazer o cadastro e, posteriormente, efetuar o login. No menu à esquerda, aparecem as opções de textos que você pretende fichar, basta clicar naquele de sua necessidade e adicionar citação. Com esse comando, aparece uma ficha para preenchimento, que muito se assemelha com o nosso modelo (Figura 3), contudo, apresenta espaços para *Tag* – que chamamos de palavras-chave –, arquivo e link do documento. Destacamos também o aplicativo [Brainyoo](#) – disponível para PC (Windows, MAC) e Smartphones (Android e Apple), que disponibiliza a opção de criar e organizar fichas de texto. Após a apresentação deste modo relevante de organização sucinta da informação – o fichamento –, falaremos sobre os mapas conceituais, que têm sido usados também para essa finalidade.

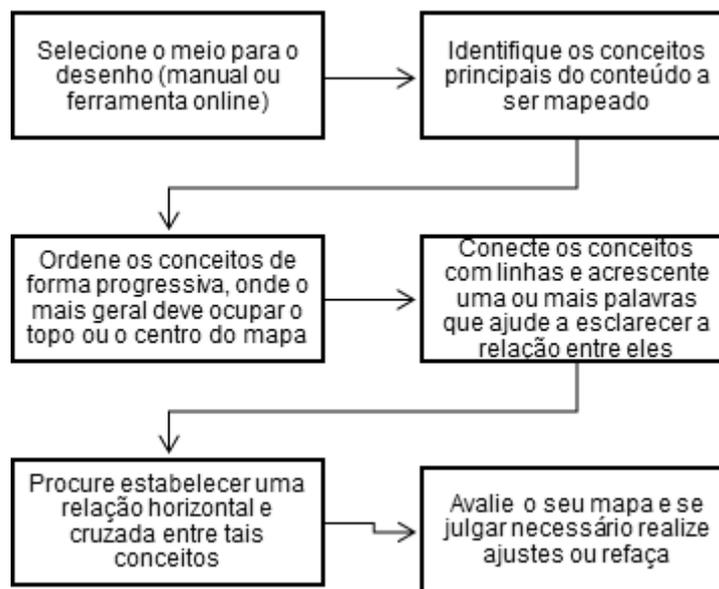
## Mapas Conceituais

Os mapas conceituais são um modo de organização da informação e do conhecimento, onde há a representação visível da relação entre as ideias e os conceitos. Buscam retratar o entendimento do sujeito acerca de um determinado texto ou assunto, objeto da representação gráfica. Moreira (2012) afirma que a produção de mapas se relaciona com a aprendizagem significativa, na medida em que estruturas de conhecimento organizadas são concebidas por intermédio da combinação de conhecimentos prévios e do acesso a novas informações que viabilizam a apreensão de novos saberes. Essa articulação é exequível a partir da capacidade cognitiva e metacognitiva dos sujeitos, que conseguem usar as informações

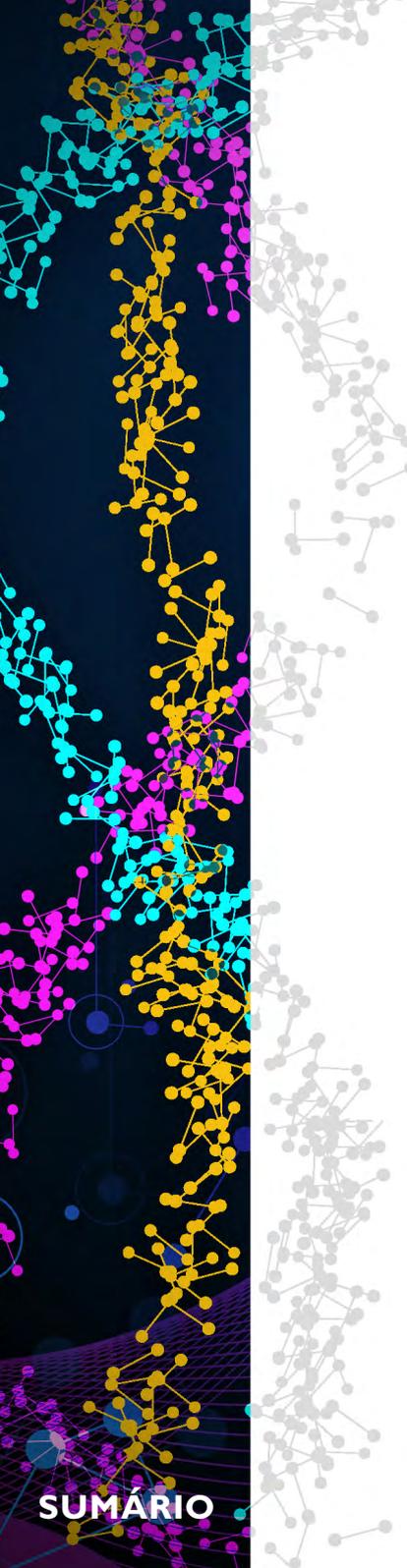
adequadamente em seu contexto de mundo; ademais, autorrefletem de forma contínua sobre o seu processo de aquisição de conhecimento, redimensionando-o sempre que julgar necessário.

A elaboração de mapas consiste em uma técnica flexível e por essa razão pode ser usada em diversas situações, inclusive para materializar a compreensão e síntese de determinadas informações. Essa organização gráfica foi desenvolvida por Joseph Novak, na década de 1970, e tem sido usada para representar modelos mentais de indivíduos (AGUIAR; CORREIA, 2013). Para facilitar a confecção do mapa conceitual, apresentamos na Figura 4 os seis passos essenciais para tal construção.

Figura 4 – Seis passos para construir mapas conceituais



Fonte: elaborada pela autora (2020).



Nessa empreitada, é necessário eleger onde será feito o desenho do mapa. Há a possibilidade de usar lápis e papel, quadro branco e marcador ou softwares *on-line* especialmente desenvolvidos para essa tarefa. Este último método desponta como um dos que oferecem maior versatilidade, pois as informações podem ser salvas, compartilhadas e editadas com maior facilidade e em tempo real. Dentre as ferramentas disponíveis, ganham destaque o [Mindomo](#),<sup>4</sup> o [CMaptools](#),<sup>5</sup> o [Coogole](#)<sup>6</sup> e o [MindMeister](#).<sup>7</sup> Após definir a ferramenta, selecione o conceito central do texto que deseja representar em um mapa. Caso sinta alguma dificuldade você deve buscar uma questão norteadora para a argumentação que deseja externar, identificando e elencando os conceitos que se relacionam e que esclarecem o eixo central questionador. Perceba que ao finalizar o desenho, o mapa o conduzirá de volta a essa pergunta com uma possível resposta.

Em geral, as ideias são descritas em caixas ou círculos, estruturados hierarquicamente e conectados com linhas e/ou setas. Tais linhas vêm acompanhadas de palavras e frases de ligação – pode ser, constitui, deriva de, dentre outros – que contribuem para o esclarecimento das conexões entre os conceitos geral e específicos. Ademais, é preciso avaliar de forma contínua o mapa, verificando se as ideias estão representadas de modo compreensível, realizando ajustes e refazendo-o, sempre que julgar pertinente. Percebe-se, portanto, que os mapas conceituais são uma forma eficaz de

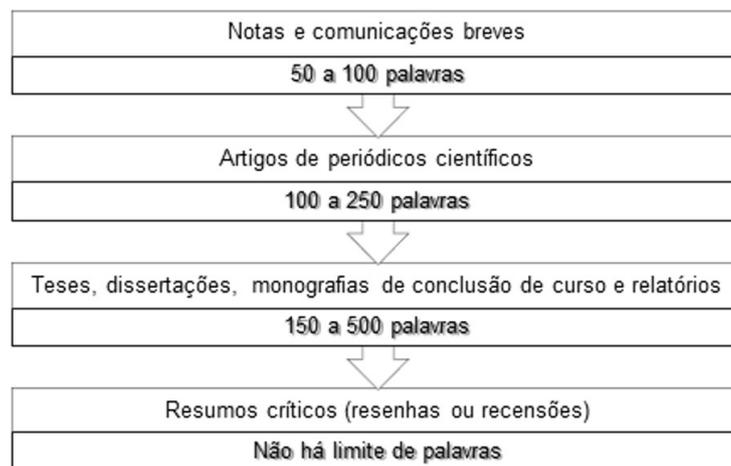
- 4 É possível a criação *on-line* de mapas mentais colaborativos, mapas conceituais, estruturas de tópicos e gráficos de Gantt (EXPERT SOFTWARE APPLICATIONS, [2020]).
- 5 O software IHMC CmapTools permite a construção de mapas em seus computadores pessoais, que compartilhem em servidores (CmapServers) em qualquer lugar da Internet, vinculem seus Cmaps a outros Cmaps em servidores, criem automaticamente páginas da Web de seus mapas conceituais em servidores, edite seus mapas de forma síncrona (ao mesmo tempo) com outros usuários na Internet (FLORIDA INSTITUTE FOR HUMAN & MACHINE COGNITION, [2020]).
- 6 O Coogle produz mapas colaborativos estruturados hierarquicamente, como uma árvore de ramificação (COOGLEIT LIMITED, [2020]).
- 7 Permite a criação de mapas colaborativos *on-line* (MEISTERLABS, [2020]).

organização da informação, uma vez que evidenciam as relações entre conceitos de forma sintética e corroboram para resolução de problemas de pesquisas a serem realizadas. Finalizamos essa elucubração e anunciamos o início do debate sobre outra forma de estruturação sintética da informação: o resumo.

## Resumos

Os resumos devem ser elaborados após a finalização da leitura do trabalho. Apresentam-se as informações de modo conciso, focando os pontos mais relevantes dos textos. Oferece, portanto, uma visão rápida e clara do tema abordado, conteúdo, material e métodos, resultados e principais conclusões da pesquisa. De estrutura sucinta, o resumo corrobora para que o leitor se sinta instigado a ler o material em sua totalidade. A NBR 6028 estabelece os requisitos para redação e apresentação de resumos, indica a sua extensão (Figura 5) e identifica três tipos de resumos. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021). O primeiro é o indicativo e resume os pontos principais do texto, não apresentando dados qualitativos ou quantitativos. É adequado para catálogos de editoras, livrarias e índices. O segundo é o informativo e tem a finalidade de informar suficientemente ao leitor, para que este possa decidir sobre a conveniência da leitura do texto inteiro. E, por fim, o resumo crítico ou resenha que expõe uma análise interpretativa do texto, com a síntese acrescida de comentários críticos, que podem ser embasados também em outras fontes e estas, por sua vez, devem ser devidamente arroladas no final da resenha. O resumo crítico pode ser denominado de recensão, quando o objeto da análise for apenas uma edição dentre outras da mesma obra.

Figura 5 – Extensão dos resumos



Fonte: elaborada pela autora, adaptada de NBR 6028 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

O resumo estrutura-se de maneira que deve conter os objetivos do trabalho, que se referem às ações que são empreendidas com o intuito de responder ao questionamento da pesquisa. A metodologia, por sua vez, descreve os principais procedimentos técnicos usados, desenvolvidos e como foram feitas as análises das variáveis. Os resultados assinalam de forma sintética as descobertas relevantes da pesquisa e as conclusões contêm a descrição das implicações dos resultados e como se relacionam com a pretensão principal do estudo (LUZ, 1996).

Destaca-se que, para além dessas informações imprescindíveis ao resumo, este deve ser composto por uma sequência de frases concisas e não de enumeração de tópicos; a primeira frase precisa ser significativa, indicando o tema principal do documento; deve-se dar preferência ao uso do verbo na terceira pessoa; e, as palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas desta expressão, seguida de dois-pontos, separadas entre si por ponto e vírgula e finalizadas por ponto (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

O resumo é, destarte, uma maneira de organização da informação usada com frequência em ambientes escolares, acadêmicos e científicos e envolve habilidades específicas para proceder a compreensão do material a ser sintetizado e representado em forma de resumo.

## POR FIM, MAS NÃO MENOS IMPORTANTE

Este capítulo propiciou um debate acerca da compreensão, síntese e organização da informação, que integra o conceito de competência em informação. São, portanto, ações desejáveis para que o bibliotecário empregue efetivamente as competências no curso de sua vida e as promova entre os sujeitos. A consecução dessa tríade remete à história de vida de homens e mulheres que estão em um contínuo de (re)construção do conhecimento. Isso porque quando surge uma demanda por informação e selecionamos aquelas pertinentes, precisamos apropriá-las e sintetizá-las, para que seja viável a sua aplicação.

A cognição viabiliza tal processo e a metacognição representa a nossa capacidade de autorreflexão das nossas próprias ações. Neste capítulo, apresentamos três formas de organização da informação, que por suas características se mostraram pertinentes às suas finalidades, quais sejam: fichamento, mapa conceitual e resumo. Admitimos, portanto, que o processo de sua elaboração exige constante avaliação da estrutura, pertinência e adequação do que se compreende e do decurso de síntese.

Pesquisadores, profissionais e demais cidadãos que usam, de modo geral, esses recursos de organização da informação, tendem a gerar produtos profícuos, pois congregaram diversos olhares devidamente contextualizados com as suas próprias acepções. Isso contribui para a construção de saberes singulares dos sujeitos e para o processo de retroalimentação da produção de informações e de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joana Guilares; CORREIA, Paulo Rogério Miranda. Como fazer bons mapas conceituais? Estabelecendo parâmetros de referências e propondo atividades de treinamento. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 141-157, 2013.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College and Research Libraries. **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ALA, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

BARRETO, Aldo de A. Mediações digitais. **DataGramaZero**, [s. l.], v. 10, n. 4, ago. 2009.

COGGLEIT LIMITED. **Coggle**. Inglaterra, [2020]. Disponível em: <https://coggle.it/>

COMPREENDER. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

EXPERT SOFTWARE APPLICATIONS. **Mindomo**. Timesoara, Romania: Expert Software Applications, [2020]). <https://www.mindomo.com/pt/about/mindomo-about.htm>

FLORIDA INSTITUTE FOR HUMAN & MACHINE COGNITION. **Cmaptools**. Pensacola: IHMC, [2020]. Disponível em: <https://cmap.ihmc.us/cmaptools/>

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento cognitivo e processo de ensino-aprendizagem**: abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky. Petrópolis: Vozes, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUZ, Ana Cristina de Oliveira. Critérios para a elaboração de resumos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 20, n. 1, p. 27-40, 1996.

MEISTERLABS. **MindMeister**. Viena: Meister, 2022. Disponível em: [https://www.mindmeister.com/pt?\\_sp=06c778c5-f5e0-4a45-9285-f4749801cef7.1644929074379](https://www.mindmeister.com/pt?_sp=06c778c5-f5e0-4a45-9285-f4749801cef7.1644929074379)

MOREIRA, Marco Antonio. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa** (concept maps and meaningful learning). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

ORGANIZAR. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

SANTOS, Jaires Oliveira. **Competência em informação dos egressos do curso de Biblioteconomia: uma análise na região Nordeste do Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador, 2015.

SANTOS, Jaires Oliveira; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa. O bibliotecário do nordeste brasileiro: elucubrações do processo de aprendizagem e da competência em informação. **RBD: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 237-250, 2019.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. “O que é neurônio?”. **Brasil Escola**. 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-neuronio.htm>. Acesso em: 10 maio 2020.

SILVA, Ananias Agostinho; BESSA, José Cezinaldo Rocha. Produção de textos na universidade: uma proposta de trabalho com sequências didáticas com o gênero fichamento. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 13, 2011.

SINETIZAR. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.